

Economia - Brasil

BOLSAS	BOVESPA	GLOBAL 40	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na segunda-feira (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na segunda-feira	Segunda-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$) na segunda-feira	Na BM&F, o grama (em R\$)	Prefixado, 30 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
-1,53% São Paulo	-0,36% Nova York	US\$ 1,2440 (▲ 0,65%)	R\$ 2,237 (▼ 0,49%)	R\$ 3,0430 (▲ 0,10%)	R\$ 63,500 (▼ 1,55%)	12,46%	Setembro/2008 0,26 Outubro/2008 0,45 Novembro/2008 0,36 Dezembro/2008 0,28 Janeiro/2009 0,48

BOLHA GLOBAL

Retomada na concessão de empréstimos e aumento de mais de 90% na produção de veículos em janeiro aliviam pessimismo que se instalou no país com o início da crise financeira mundial no ano passado

Dois
bons
sinais

25

Fábio Rodrigues Pozzebom/ABr



“
 ATITUDES
 AGRESSIVAMENTE
 DEFENSIVAS PODEM
 EXACERBAR OS
 PROBLEMAS
 ”

Henrique Meirelles,
 presidente do Banco Central

VICENTE NUNES
 DA EQUIPE DO CORREIO

Em uma clara campanha para reverter o pessimismo que tomou conta de empresários e consumidores, o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, afirmou ontem que, depois de um período de escassez, o crédito começou a ser destravado no país. Com base em indicadores até 15 de janeiro, ele disse que as concessões de empréstimos aumentaram 1,1% em relação a setembro, quando o mundo assistiu, atônito, ao quase colapso do sistema financeiro mundial, com a quebra do banco americano Lehman Brothers. “Estamos voltando ao período pré-crise”, assinou. A ligeira retomada do crédito coincidiu com o aumento de 92% na produção de veículos na comparação de janeiro deste ano com dezembro de 2008 (leia ao lado).

Ao elevar o tom do otimismo, o presidente do BC explicitou o temor com os indicadores que estão por vir, mostrando o tamanho do impacto da crise mundial na economia brasileira. Ele acredita que a difusão de números negativos tende a levar as empresas e a população a botarem ainda mais o pé no freio. Meirelles entende que, para a opinião pública, agora é o pior momento das turbulências, ainda que a atividade esteja mostrando os primeiros sinais positivos de reação. Essa “fase mais dramática” da crise começou há uma semana, com a divulgação de que a indústria levou um tombo de 19% nos últimos três meses do ano passado, voltando aos níveis de 2004.

“Temos de ser pacientes e ter serenidade para atuar com rapidez e vigor. Temos de olhar a si-

tução esperando pelo desdobramento das medidas tomadas (pelo governo) e não ficarmos presos a movimentos de curto prazo”, destacou, em palestra no IV Encontro de Lideranças, promovido por conselhos de engenheiros e arquitetos. Para ele, a decisão das empresas de parar de produzir até que desovem seus estoques causará grandes transtornos. “Ajustes nos estoques podem propagar atitudes econômicas que não são saudáveis. Que todos sejam realistas, mas atitudes agressivamente defensivas podem exacerbar os problemas”, avisou.

Segundo o presidente do BC, todos reconhecem que a crise “é grave e severa”. Mas ele ressaltou que o Brasil tem tudo para sair das intempéries. O governo, acrescentou, está fazendo a sua parte. Reduziu tributos, como o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), que ajudou a retomada da venda de carros em janeiro. Liberou R\$ 99,2 bilhões em depósitos que os bancos tinham recolhido compulsoriamente ao BC, medida que estimulou a retomada do crédito. O BC também injetou US\$ 61 bilhões no mercado de câmbio para socorrer os exportadores.

Apesar da “volta do crédito”, Meirelles admitiu que de nada adiantará ter oferta de financiamentos se as taxas de juros cobradas não baixarem. Desde a última quinta-feira, o BC se engajou em uma empreitada para mostrar os abusos cometidos pelos bancos, que cobram juros de até 1.418% ao ano em empréstimos pessoais. Essa estratégia ainda ajuda o BC a tirar o foco da taxa básica de juros (Selic), apontada como um dos principais entraves ao crescimento econômico do país.